

NA PARÁBOLA DO *HOMO VIATOR* (LC 10, 25-37):
A OUTRA QUALIDADE DE VIDA

THE PARABLE OF THE *HOMO VIATOR* (LC 10, 25-37):
ANOTHER QUALITY OF LIFE

Ramiro Délio Borges de Meneses
Universidade Católica Portuguesa (Braga)
borges272@gmail.com

Resumo

Um desígnio ético da parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) será apresentar uma narrativa sobre a Outra qualidade de Vida. A parábola aponta para variadas formas de qualidade de vida, que vão desde as qualidades telúricas de vida, passando pela qualidade de vida poética, até atingir a qualidade de vida escatológica, como a verdadeira qualidade de Vida.

A narrativa bíblica do Desvalido no Caminho refere uma forma nova de referenciar a outra qualidade de vida, como uma qualidade soteriológica da vida humana neste mundo. O Desvalido vive na qualidade de vida soteriológica, porque vive como hospitalidade poética e como ética soteriológica. A outra qualidade de vida dá um sentido ético à qualidade de vida poética
Palavras-chave: Bom Samaritano, *Homo Viator*, qualidade de vida, sanidade de vida, realidades telúrica e escatológica.

Abstract

According to the Good Samaritan parable there is a new ethic lecture to the quality of life. This life's quality will be to become a new escathological and soteriological formulations by the Helpless at the Roadside. The life's quality defines a new plesiologic aretology and suggests a very important reception ethic according to the hospitality.

The other life quality defines a new ethical sense to the poietic quality of the Samaritan, because Jesus Christ is the soteriological life quality.

However, the Good Samaritan carries out different and new dimensions to the life's quality. And the very life quality is the Jesus Christ living in this World.

The article concerns the critical approach taken to ethics by the Helpless at the Roadside focusing in particular on the logical quality of life.

KeyWords: Good Samaritan, *Homo Viator*, quality of life, sanity of life, teluric relation, schatologic denomination.

Introdução.

A leitura da parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) determina diversos graus analógicos de qualidade de vida. Segundo este conto, provocante e exemplar, os diferentes personagens, quer reais, quer fictícios definem diferentes versões para a “qualidade de vida”.

Quando o *nomikós*, ao dirigir-se a Jesus, diz: que fazendo para alcançar a vida eterna?, procura determinar uma questão que tem a ver com o sentido último da vida. Antes preocupa-se com uma outra qualidade de vida, como uma qualidade axiológica. Procura-se uma vida com qualidade perene e significativa. É definitiva!...

Neste estudo, procuramos verificar, axiologicamente, qual o sentido da qualidade de vida, em função do papel de vários personagens fictícios, desde os salteadores, passando pelo Sacerdote e o Levita, até ao Samaritano, culminando no Desvalido no Caminho.

Apesar do termo e conceito – qualidade de vida – ser recente, está inerente na pergunta: que fazendo para alcançar a vida eterna? (Lc 10, 25).

Marciano Vidal refere que a qualidade de vida designa a autorealização desenvolvida e plena do homem no encontro da sua identidade. Significará a plenitude das possibilidades de realização da existência humana: segurança, satisfação constante das necessidades vitais, desenvolvidas na livre actividade dos personagens da parábola do Bom Samaritano, nas multiformes realizações. A qualidade de vida não é a mesma coisa que nível de vida, dado que a qualidade de vida se move no âmbito das duas referências: vida e qualidade.¹

Como muito bem refere João Bezerra, a qualidade de vida surge por meio de um sistema equilibrado de indicadores: desenvolvimento económico, desenvolvimento das necessidades psicológicas e relacionais, sistema de relação com o ambiente, etc.

Porém, a meta, que se atribui à qualidade de vida, corresponde à finalidade da ética, que será a realização das condições de vida, que respondem à dignidade humana para o maior número possível de homens.²

¹ Cf. VIDAL, Marciano – *Diccionario de Ética Teológica*, Estella: Editorial Verbo Divino, 1991, pp. 66-67.

² Cf. BEZERRA, João – *Contributos para uma Outra Qualidade de Vida no âmbito da Bioética Teológica*, Braga: Editora de Abel António Bezerra, 2004, pp. 34-36.

A realização da qualidade de vida é um dos imperativos básicos do *ethos* humano. Nesse empenho, totaliza-se o conteúdo das exigências morais. Assim, nesta realização, concretizam-se as instâncias éticas da responsabilidade humana, solidariedade, justiça e liberdade [J.B. – p. 36].

A parábola do *Homo Viator* apoia o empenho de implementar, no mundo humano, a “qualidade de vida” e sente-se interpelada por este valor, ao organizar o domínio das responsabilidades morais, desde a de *identidade* (Sacerdote e Levita) até à de *alteridade*.

Tal como vamos encontrar na parábola do Bom Samaritano, a qualidade de vida orienta os significados da vida para o ser humano, para a pessoa, que, no encontro com eles, determinarão a fundamentação para a Outra qualidade de Vida, a qualidade soteriológica, que está nos gestos e obras de Cristo.

A parábola do Bom Samaritano é uma narrativa – conto sobre a *qualidade de vida* - que exige que se tome em consideração a experiência humana do Samaritano ou do Sacerdote e do Levita nos seus múltiplos aspectos.

1. A qualidade de vida telúrica na parábola do *Homo Viator*.

A *qualidade de vida* telúrica está presente na concepção elaborada por Elizari, quando a situa como estando ligada a uma determinada concepção do ser humano, das suas necessidades e aspirações. O mundo globalizado, onde vivemos, está sujeito a constantes variações temporais, pessoais e vitais.³

No nosso mundo, a qualidade de vida seria inimaginável sem uma dimensão económica, que nos permita um certo estilo de vida, embora se reconheça que a demasiada importância dada à economia e à folgada satisfação das necessidades materiais constitua uma das maiores deficiências da sociedade.

Na parábola do Bom Samaritano, a qualidade de vida telúrica encontra-se representada pelos salteadores: ... *et incidit in latrones, qui etiam despoliaverunt eum et, plagis impositus, abierunt semivivo relicto* (Lc 10, 30).

A qualidade de vida telúrica será a forma do acto de se alimentar, pela sua actividade, constituindo-se como a fruição. A qualidade de vida telúrica é a fruição.

³ Cf. ELIZARI, Francisco Javier – *Questões de Bioética, Vida em Qualidade*, Porto: Perpétuo Socorro, 1996, p. 203.

Segundo Lévinas, a fruição é a última consciência de todos os conteúdos, que enchem a minha vida. A qualidade de vida telúrica é uma vida de dependência, como a dos salteadores, dos alimentos e dos desejos de posse. São conteúdos que não apenas a preocupam, mas que a ocupam, que se divertem, das quais ela é fruição.⁴

A qualidade de vida telúrica foi a fruição do semi-morto, porque O expoliaram, enchendo-O de pancadas e abandonaram-No. A qualidade de vida telúrica dos salteadores revela-se na consciência do poder e dos conteúdos matéris (desejo de alimentos e de poder), enchendo assim a sua vida.

Os salteadores (bandidos) simbolizavam a qualidade de vida telúrica, dado que a fruição ao “semi-morto” é erigida de recordação, de sede e de saciedade. Surge como acto que recorda pela sua potência e pelo seu poder. Como forma de qualidade de vida telúrica, os salteadores (bandidos), perante o Outro (Desvalido no Caminho), mantiveram a “saciedade”.

A qualidade de vida telúrica expressa-se onde a fruição é a própria contracorrente do Mesmo, não será a ignorância do Outro (Desvalido no Caminho).

A qualidade de vida telúrica implicará uma exploração, tal como a realizaram os salteadores, estará no despojar da sua indumentária e da sua axiologia *des-valere in doloris via*. Aqui, pelo comportamento dos bandidos, a alteridade do Outro (semi-morto), que é o mundo e sobrepujada em nome das necessidades, de que se lembra e se inflama o prazer de extorquir, de bater e de abandonar o Desvalido.

A qualidade de vida telúrica é uma “conduta de fruição”, uma vez que os salteadores, ao quebrarem a ponta da alteridade, de que dependem os ultrajes ao Desvalido, no caminho de Jerusalém a Jericó, constituíram uma ética de fruição. A qualidade de vida telúrica comporta um comportamento de fruição, onde se encontra o comportamento hedonista e o desejo de poder.

Na qualidade de vida telúrica, a fruição leva a cabo a separação, desformalizando a noção de separação que não é um corte, no abstracto, mas a existência *per se* de um Eu autóctone.

A qualidade de vida telúrica, tal como a viveram os salteadores, é uma

⁴ Cf. LÉVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*, tradução do francês, Lisboa: Edições 70, s/d, p. 97.

evolução. A ruptura da totalidade, que se realiza pela fruição da solidão, ou pela solidão da fruição, é radical.⁵

Naturalmente, a qualidade de vida telúrica (Lc 10, 30) vive-se num mundo de utensílios, constituindo sistemas suspensos de preocupação de uma existência angustiada do seu ser, formalizando uma ética de suspeita e vitalista.

A qualidade de vida telúrica aufere-se nos utensílios, na fome, no dinheiro e na comida, que satisfazem bandidos e poderão ser interpelados como simples objectos, ao transformarem o *Quidam Homo* em *semi-vivus*.⁶

A qualidade da qualidade telúrica ficou, segundo o conto exemplar e provocante de um Desvalido no Caminho (Lc 10, 25-37), no *des-valere* do ser, do agir e do fazer. A qualidade de vida telúrica diz que a sensibilidade é fruição. O ser sensível pelo corpo caracteriza a maneira de ser, que consiste em encontrar uma condição naquilo que pode aparecer como objecto do pensamento. Na qualidade telúrica do viver, a sensibilidade descreve-se não como um momento de representação, mas como o próprio acto da fruição e satisfaz-se com o dado e contenta-se.⁷ A simultaneidade da fome e do alimento constitui a condição paradisíaca inicial da fruição. A fruição, como elemento da qualidade de vida telúrica, parece tocar um “outro” na medida em que o fruto se anuncia no elemento e é ameaça de insegurança.

Os salteadores, pela identidade poética, fruíram do mundo das coisas, como dos elementos puros, como qualidades telúricas da vida, como qualidades executadas (poiéticas) no fazer ao *quidam homo* sem porte, sem substância, unicamente para usar ou viver do desvalido, no sentido de usar ou de privar do Desvalido.⁸

Segundo a parábola do Bom Samaritano, a qualidade de vida telúrica não é a Outra qualidade de vida, é sim “uma” qualidade de vida.

O *quidam homo* (desvalido) foi para os salteadores (Lc 10, 30) como se fosse um objecto. A qualidade de vida telúrica implica uma *Bewusstsein* de utensílio.

⁵ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – *O Desvalido no Caminho: o Bom Samaritano como paradigma de humanização em saúde*, Santa Maria da Feira: Edições Passionatas, 2008, p. 24.

⁶ Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 25.

⁷ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – “Na Parábola do Bom Samaritano: o sentido da fruição pela humanização”, in: *Acção Médica*, LXIX, 4 (Lisboa, 2005), p. 224.

⁸ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – *O Desvalido no Caminho: o Bom Samaritano como paradigma de humanização em saúde*, p. 26.

Com efeito, a fruição de um mundo para o bandido já é um contentamento de objectos e de satisfações.

A fruição, que está presente na qualidade de vida telúrica, como mundividência dos salteadores da parábola do Bom Samaritano, não se refere a um Infinito, para além daquilo que a alimenta, mas pelo desvanecimento do que se oferece à instabilidade da felicidade (*felicitas*). O alimento vem como um caso feliz.

Pela actuação dos salteadores, a “qualidade de vida” telúrica vê-se na familiaridade com o elemento (dinheiro, fome, alimento, etc.), que conduz ao “egoísmo da fruição”. Este é um dado da qualidade de vida telúrica. A fruição não tem segurança, porque a insegurança ameaça uma fruição já feliz no elemento e na qual só a felicidade torna sensível a inquietude.⁹ Os salteadores tiveram o recurso do trabalho e da posse pela fruição do Outro (Desvalido no Caminho). Esta é uma qualidade de vida identitária, que se traduz como qualidade telúrica do viver no dia-a-dia.

Os salteadores, símbolo de uma conduta utilitarista, satisfizeram uma qualidade de vida, a telúrica, pelas suas necessidades e afirmaram a sua soberania. Esta qualidade de vida terrena significa o alimento *ad extra*, onde habita a fruição do Desvalido no Caminho.

Esta qualidade de vida, referida pela fruição dos salteadores, alimenta-se na sua independência com dependência em relação ao usufruto do Desvalido (Jesus Cristo). A soberania da fruição corre o risco de ser uma traição ao “semi-morto” pela alteridade de que ela vive, expulsa-a da vida eterna, ficando numa vida precedoura (Lc 10, 25).

Segundo Lévinas, na fruição paradisíaca, sem tempo e sem preocupação, a distinção da actividade e da passividade confundem-se com a satisfação.¹⁰ A fruição telúrica alimenta-se pelo que está “de fora”, onde habita a qualidade de vida, onde a satisfação manifesta a soberania desta qualidade. Os salteadores sentiram e realizaram no Desvalido do Caminho uma mundividência telúrica.

O estalajadeiro da parábola faz, ao Bom Samaritano, a justiça retributiva – *redam tibi* – porque este já antes tinha praticado a justiça comutativa (Lc 10, 35). Neste personagem fictício da parábola, surge novamente a qualidade de

⁹ Cf. LÉVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*, tradução do francês, p. 120.

¹⁰ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 146.

vida telúrica. O estalajadeiro vive de todo o conteúdo da vida, mesmo do trabalho que assegura o futuro. Com efeito, a actividade deste, graças ao qual há um elemento fundamental de hospitalidade, que se chama a moradia, defende-se da incerteza da vida. A qualidade de vida telúrica também espera um acolhimento por ser digna da hospitalidade.

O estalajadeiro acolheu o Desvalido. A este prestou-lhe cuidados, desde os cuidados até ao pagamento.

As tarefas curativas do Samaritano terminaram com a entrega ao estalajadeiro. Não podemos ter todas as especialidades no desempenho das *Aufgaben* clínicas. A qualidade de vida telúrica está estampada nas estalagens. Estas pousadas não eram lugares de boa fama na região. Bailey apresenta alguns testemunhos da Misna, onde se analisam estes hospícios. Pela qualidade de vida telúrica, *quidam homo* não poderia pagar, porque nada tinha. Se não existe pagamento, nestes casos, será impossível esperar uma atenção ou um serviço. Mas, ainda poderia ser encarcerado, se não pagasse (Mt 18, 23-25).

Todas as posses do Samaritano, ligaduras, azeite, vinho e dois denários de prata são usados para ajudar um pobre desafortunado (Desvalido no Caminho).¹¹

Na obra de Lucas, aparece o verbo *apodidonai* com dois sentidos, ora com significado de dar, entregar, devolver, ora com uma conotação de dívida, restituir, devolver um empréstimo ou cancelar uma dívida (Lc 7, 42; 10, 35; 12, 59; 19, 8). Todas estas flexões verbais são indicativas da qualidade de vida telúrica. A qualidade de vida dos salteadores e do estalajadeiro é uma qualidade de vida puramente material.

2. A qualidade de vida poiética na parábola do Bom Samaritano.

A mensagem da narrativa-conto, exemplar e provocante, tem um personagem, chamado Samaritano, que encerra em si a qualidade de vida poiética, porque realizou o mandamento agápico. Vai e faz de modo semelhante (faz a misericórdia)

Quando a alegoriase colocou o Samaritano, como o personagem mais

¹¹ Cf. FITZMYER, J. A. – *El Evangelio según Lucas – III – traducción y comentario*, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986, p. 287.

importante, e ao identificá-lo com Jesus Cristo, naturalmente esqueceu-se que este simbolizava a qualidade de *vida poética*.

A mensagem da narrativa fica sintetizada na resposta que dá o jurista. Próximo é todo o necessitado que encontramos no nosso caminho, todo aquele que poderá ser objecto da nossa misericórdia e dos nossos desvelamentos, estando acima dos nossos vínculos étnicos ou das nossas convicções religiosas.

Naturalmente, as prescrições sobre a impureza legal, que se contrai com um cadáver ou um semi-morto, faziam parte do *Pentateuco Samaritano*, mas toda essa legislação não foi obstáculo para que o protagonista da nossa história antecipasse os seus sentimentos de entrega a qualquer espécie de restrição legal, que, em casos como este, devem ser superados pela misericórdia na dimensão agápica. Estas duas realidades surgem de uma responsabilidade poética do Samaritano, como condição da qualidade de vida poética.

Com efeito, o sentido da palavra – próximo – *plesion*, na pergunta do jurista, difere consideravelmente do significado desse mesmo termo no exemplo proposto por Jesus.¹²

O Bom Samaritano anuncia uma nova qualidade de vida pela sua conduta axiológica. Esta chama-se “qualidade de vida poética”.

Como refere Creed, o Doutor da Lei pergunta por uma definição do conceito de “próximo”, num enunciado como o da lei, para determinar como amar ao próximo, como a nós mesmos. Tanto na citação do *Pentateuco*, quanto na pergunta do Doutor da Lei, o próximo é o destinatário de um acto de misericórdia.

Não se pode negar que a parábola dá, indirectamente, certa resposta à pergunta colocada: o teu próximo será precisamente o necessitado de amparo e de ajuda, a quem damos prioridade, tal como encontramos no caminho. O próximo será poieticamente aquele a quem damos “prioridade”.

A narrativa fala-nos, claramente, da qualidade de vida poética, dado que o Samaritano fez a misericórdia ao Desvalido no Caminho. Deu-lhe e fez-lhe *qualidade de vida*. Uma nova e original *qualidade de vida* axiológica. Assim, será próximo aquele que “faz” benevolência e cordialidade relativamente ao Outro.

Segundo Manson, o princípio fundamental da questão é que enquanto a mera proximidade não produz amor, o amor produz uma cordialidade

¹² Cf. *Idem, Ibidem*, p. 279.

próxima.¹³

A parábola não apresenta nenhuma definição de próximo, mas antes descreve a nova qualidade de vida plesiológica.

Dentro de um contexto imediato, a misericórdia (*eleos*) do Bom Samaritano, para com o *Homo Viator*, será um exemplo bem preciso da qualidade de vida poiética, que se transformou numa *qualidade plesiológica*. É um exemplo adequado de amor ao próximo (v. 27) e surge como condição de vida eterna, a Outra qualidade de Vida em Deus-Pai.

A narrativa do *Homo Viator* (Lc 10, 25-37) sugere, também, que o Samaritano encontrou o seu caminho, poieticamente, para a outra qualidade de vida, onde reside a vida eterna, que será a participação em Deus.

A qualidade de vida poiética é *per naturam suam* uma qualidade de vida plesiológica, que irá abrir caminho, pelo Desvalido no Caminho, a outra qualidade de vida, que é a escatológica.

Segundo Borges de Meneses, a parábola do Bom Samaritano inspira uma nova morada da conduta humana, como ética de alteridade, assente na vocação plesiológica do Samaritano. Trata-se de uma parábola sobre a qualidade de vida plesiológica, que também é poiética. A preocupação ética de Jesus está no verbo aramaico – *abdad* –, em grego *poieo* (fazer) e não na *praxis*. A qualidade de vida plesiológica surge como ética poiética.¹⁴

A parábola do Bom Samaritano é uma narrativa sobre a qualidade de vida plesiológica, porque foi poiética no sentido soteriológico da proximidade do próximo. Daqui se infere que a narrativa do comportamento é um apelo e vivência da conduta plesiológica.

A nova conduta plesiológica é uma qualidade de vida poiética, que será dada pelo Samaritano.

A nova qualidade de vida plesiológica tem um ditame novo, que é o discurso da Nova Aliança, quando diz: vai e faz a misericórdia, que já estava dito em Os 6,6: “Não quero sacrifícios, mas sim a misericórdia”.

Esta nova qualidade de vida poiética, como conduta plesiológica, encontra-se alicerçada na consciência plesiológica, que vem do *eventum Dei*

¹³ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 280.

¹⁴ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – *O Desvalido no Caminho: o Bom Samaritano como paradigma de humanização em saúde*, p. 72.

misericaordiae pelo fazer, com esmero e dedicação, cuidados do Samaritano ao Desvalido no Caminho (Jesus Cristo) em virtude da “comoção das vísceras”.¹⁵

A nova modalidade de consciência, que brilhou - *phaino* - pelo fazer (*poieo*), referencia-se como “consciência plesiológica”. Assim, o Samaritano, sob influência desta forma poiética de consciência, teve o cuidado de executar, com o sentido agápico, tarefas sem necessitar da consciência prática, nem de saber quem era o seu próximo. Aqui está a qualidade de vida poiética de um Samaritano bom.

A razão e a consciência poiéticas determinam uma nova qualidade de vida, que tem o seu discurso narrativo na parábola lucana do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). A atitude do Samaritano faz passar a qualidade de vida telúrica (estalajadeiro e salteadores) para uma qualidade de vida poiética.

A qualidade de vida plesiológica é caracterizada pelo amor de alteridade de um Samaritano por um Desvalido.

Para Diego Garcia, o termo e conceito de qualidade de vida é evolutivo, isto é, quando dizemos que alguém tem qualidade será valorizá-lo *per se* e relativamente a outras entidades. A qualidade de vida é um valor e não um *factum*. O Desvalido no Caminho é sem valor, mas está com valor, quando se anuncia na “quenose” da Carta aos Filipenses. O Desvalido no Caminho não fala, nem tem voz, não pensa, não age, não faz. Mas, é este Desvalido *Homo Viator*, que determina a qualidade de vida poiética do Samaritano.

É o Desvalido que salva o Samaritano e aqui se constitui como o valor dos valores. Aqui está a qualidade de vida axiológica. Os valores não se percebem, estimam-se. Segundo Diego Garcia, a estimação é absolutamente necessária na nossa vida. Ninguém pode viver sem estima.¹⁶ A qualidade de vida plesiológica do Samaritano é dada pela misericórdia do Desvalido, que vem do Pai da Misericórdias, constituindo-se pela comoção das vísceras do Samaritano.

As decisões mais importantes dependem mais de valores do que de factos. As decisões agápicas (*caritas*) do Samaritano são a realização de valores, que surgem do Rosto do Desvalido, na sua nudez, orfandade, necessidade, fome e pobreza.

¹⁵ Cf. *Idem, Ibidem*, pp. 72-73.

¹⁶ Cf. GARCIA, Diego – *Fundamentación y enseñanza de la Bioética*, Bogotá: Editorial El Búho, 1998, pp. 157ss.

A qualidade de vida tem uma dimensão ética, *in stricto sensu*, segundo D. Garcia, visto que a encontramos no *ethós* do Samaritano e do Desvalido no Caminho (Jesus Cristo).

Esta qualidade de vida é uma sacralidade de vida. Esta está representada no Desvalido. Trata-se de uma qualidade de vida denotada pela “vocação agápica”.

O Desvalido no Caminho é *homo homini res sacra* pela comoção das vísceras (*rahamin*) do Samaritano.

A qualidade de vida axiológica, que o Samaritano poieticamente autodetermina ao Desvalido no Caminho, será o resultado da realização de juízos prudenciais sobre as vivências concretas dos personagens da parábola perante o *Homo Viator*.

Todas as acções do Samaritano foram acções de qualidade de vida plesiológica perante o Desvalido no Caminho.

A percepção do sentido plesiológico é uma tarefa poiética do Samaritano, porque essencial à qualidade de vida soteriológica de Jesus Cristo, como Desvalido no Caminho. O re-encontro ou a descoberta do sentido plesiológico do Desvalido pelo Samaritano dá sentido pelos *rahamim* ao nascer, ao morrer, ao viver, ao trabalho e às alegrias da vida, à audição, à decisão e à recitação da vida. Segundo D. Garcia, a qualidade de vida é um atributo de consciência.¹⁷

Ao fazer a misericórdia (Lc 10, 37), o Samaritano realizou a consciência plesiológica, que será soteriológica do Desvalido no Gólgota (Cruz). O Samaritano fez a qualidade de vida plesiológica do Desvalido, porque criou uma qualidade axiológica determinada de fora na sua autoconsciência poiética. O verdadeiro sentido da qualidade de vida, pelos caminhos do Samaritano, fez-se em nova aretologia plesiológica.

A qualidade de vida, professada pelo Samaritano, é uma qualidade de vida espiritual, que vai do bem comum até todos os bens axiológicos.

3. A qualidade de Vida litúrgica na parábola do Desvalido no Caminho.

O Sacerdote e o Levita não estavam faltosos de amor a Deus. A dedicação à sua tarefa foi um testemunho fascinante, porém quando se pôs à prova o seu amor

¹⁷ Cf. BEZERRA, João – *Contributos para uma Outra Qualidade de Vida no âmbito da Bioética Teológica*, pp. 30-31.

ao próximo encontram-se num profundo vazio, enquanto que o Samaritano brilhou em todo o seu esplendor.

A narrativa faz referência a um Sacerdote que tinha estado de serviço no Templo de Jerusalém e que, ao concluir os dias de seu turno, voltava tranquilamente a casa, porque Jericó era uma cidade onde residiam alguns sacerdotes do Templo de Jerusalém, dado que era uma cidade dormitório.¹⁸

Lucas emprega um verbo pouco comum, composto por dupla proposição: *antipaeschesthai*, querendo significar, que passou para o outro lado. Assim, se significa que o Sacerdote evita qualquer espécie de contaminação ritual, por contacto, mesmo por mera proximidade, com um cadáver (Nm 5, 2c; 19, 2-13). Um Sacerdote só poderia contaminar-se, se fosse a enterrar algum dos seus parentes mais próximos (Ez 44, 25-27), tendo sempre em atenção as prescrições do Levítico (5, 3; 21, 1-3) Nm 6, 6-8 e da tradição rabínica posterior.

No Antigo Testamento, usava-se o termo Levita para os descendentes de Levi, uma vez que que não tinham nascido do ramo de Aarão. Ao seu cargo estavam certas funções secundárias, relacionadas com o culto e com o serviço ritual no Templo. Poucos foram os Levitas que regressaram do exílio da Babilónia (Esd 2, 36-43), conseguindo posição social perante o Templo, que lhes outorgava direito a cobrar o dízimo pelos serviços sacerdotais.¹⁹

O Sacerdote e o Levita representam a qualidade de vida litúrgica. Trata-se de uma qualidade de vida formal, que está centrada na prática do culto. Este é o centro desta qualidade de vida. É uma vida intermédia, que tem um espaço, que se chama o Templo de Jerusalém. Tudo gira em torno deste espaço. Naturalmente é uma qualidade de vida jurídica, que filosoficamente se referencia à praxis e não a plesiologia poiética.

A qualidade de vida litúrgica radica num serviço formal e extrínseco, que não vem *ab imo corde* e tem um modelo de responsabilidade identitária.

O paradigma da responsabilidade de identidade, em que me comprometo só pelos sucessos e interesses, apresenta a sua pauta de comportamento revelada, metaforicamente, no Sacerdote e no Levita, que não se detêm e seguem o seu caminho.

¹⁸ Cf. DE VAUX, R. – *Instituciones del Antiguo Testamento*, tradução do francês, Barcelona: Editorial Herder, 1992, pp. 423-431.

¹⁹ Cf. MILGROM, J. – “Studies in the Temple Scroll”, in: *Journal of Biblical Literature*, 97 (New York, 1978), pp. 501-523.

O “desvalido no caminho” é considerado um ser sem categoria, sem dignidade, sem posição, como um estranho, não pertencendo ao seu “in group” e/ou “out-group” e ao ciclo de amigos.

Isto quer dizer que aquelas duas personagens do Templo de Jerusalém representam o amor de identidade, que compromete pela qualidade agapica .

Trata-se, pois, de um amor que deseja o Outro, se pertencer ao seu mundo, enquanto ignora o “desvalido”: viu, desviou-se e passou ao lado (Lc 10, 31-32).

O Sacerdote e o Levita amam aqueles que já estão dentro do seu mundo afectivo pelo sangue, pelo parentesco ou pelo interesse, mostrando-se desinteressados e desconhecedores dos demais.²⁰

A qualidade de vida cultural é formatada pelos rituais litúrgicos e caracteriza-se pelo amor de identidade e não pela alteridade, como a do Samaritano.

A qualidade de vida litúrgica será decifrada num amor de identidade, como sendo um amor paradoxal, tanto para o Eu, que, em vez de se realizar, fica perdido na Lei e nos Profetas, bem como no ritual, quanto para o Outro que, no momento em que é possuído ou incorporado, em vez de estar próximo se revela inacessivelmente distante. Este é inexoravelmente um não dar-se. Trata-se, pois, de uma qualidade de vida identitária.

O discurso de Jesus, não admoestando o Sacerdote e o Levita, descreve a conduta ética de identidade, não contém palavras piedosas, parecendo criticar as posições religiosas do seu tempo e do seu povo, dado que um Sacerdote e um Levita, servidores do Templo, como símbolos da *Torah* (Lei de Moisés), esqueceram a profecia pelas palavras de Oseias: pois, o que eu quero é o amor e não os sacrifícios.

O Sacerdote e o Levita estavam eticamente preocupados com a norma objectiva da moralidade (*recta ratio*), expressa pela *Torah*, mas pouco interessados na consciência do fazer ou na consciência plesiológica.²¹

Tratou-se de viver segundo uma qualidade de vida prática e não poética como a do Samaritano.

Segundo a Lei de Israel, o sacerdócio proíbe o contacto com um cadáver, sendo a única excepção os parentes. O cumprimento da Lei era considerado

²⁰ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – *O Desvalido no Caminho: o Bom Samaritano como paradigma de humanização em saúde*, pp. 41-47.

²¹ Cf. *Idem*, *Ibidem*, pp. 156-157.

como melhor caminho para evitar o pecado e para alcançar a santidade. Bailey descreve o ritual que um Sacerdote, se violasse as leis da pureza, deveria submeter-se para voltar a exercer o seu magistério. O Sacerdote aparece como vítima de um sistema. Não é um homem sem coração, é, antes, um escrupuloso cumpridor da Lei.²²

A qualidade de vida religiosa e cultural vai na linha de uma concepção religiosa, sendo Jesus Cristo crítico na parábola. O Sacerdote e o Levita são prisioneiros do próprio sistema legal e teológico.²³

Para manter o respeito pela *Torah*, o Sacerdote passou para o outro lado da estrada. Deste lado do caminho, estava a necessidade do cuidado amoroso do meio morto.

Esta qualidade de vida não é axiológica, mas tem algo de ético pelo cumprimento da *Torah*. Esta era a instrução de Israel, sendo esta nação uma sociedade teocrática, marcada pela vida litúrgica do Templo de Jerusalém. Toda a qualidade de vida, neste tempo, era marcada pelo compasso do Templo. Era uma qualidade de vida litúrgica ou ritual, marcada pelas dimensões sociológicas.

4. A qualidade de vida soteriológica no conto exemplar do *Homo Viator*.

Como refere J. Bezerra, Cristo quer a qualidade de vida de todos os seres vivos, pois Ele veio para dar vida e dar em abundância! (...) É a palavra e a vida do amor de alteridade (doação desinteressada) que dá sentido à qualidade de vida. Cristo, como Desvalido no Caminho, teve “qualidade de vida”, no alto da Cruz, precisamente porque amava: amava a humanidade! Por ela se entregou: quem ama entrega-se, doa-se, sacrifica-se. Mesmo sofrendo, nunca se perde a capacidade da gratuitidade, o valor de se dar e de se entregar. Aqui reside o segredo da *Outra Qualidade de Vida*.²⁴

A Qualidade de Vida professada e afirmada pelo Desvalido da Parábola é

²² Cf. REGENSDORF, K. H. – *Il Vangelo secondo Luca*, tradução do alemão, Brescia: Paideia, 1963, pp. 273-280.

²³ Cf. BLINZLER, J. – “Die literarische Eigenart des sogenannten Reiseberichts im Lukasevangelium”, in: *Synoptische Studium*, (Berlin, 1953), pp. 28-30.

²⁴ Cf. BEZERRA, João – *Contributos para uma Outra Qualidade de Vida no âmbito da Bioética Teológica*, p. 44.

uma qualidade soteriológica, porque é o caminho da Cruz. Trata-se, pois, de uma qualidade de vida que salva e que redime toda a humanidade.

Pela carta apostólica *Salvifici Doloris*, João Paulo II diz-nos que *Boni Samaritani parabola, ad doloris evangelium pertinet* no sentido de que nos aproxima da dor e do sofrimento *ad doloris evangelium*. De forma nova e segundo a “qualidade de vida” soteriológica propomos: *Boni Samaritani parabola, in doloris evangelium*. Encontramos na narrativa exemplar uma boa notícia soteriológica, como uma Outra Qualidade de Vida, dado que a parábola está dentro (*in*) do sofrimento de Cristo e de todos os desvalidos (doentes, presos, nus, famintos, etc.).

Deste o facto de esta parábola, exclusiva de Lucas, estar integrada na última viagem de Cristo, para Jerusalém, até ser o protoevangelho e a propedêutica das narrativas da Paixão e Morte de Cristo, a narrativa – conto do Bom Samaritano revela, dialecticamente, o sofrimento de Deus-Pai, na flagelação e crucificação, perante Pôncio Pilatos, como Servo Sofredor. Este Servo é a qualidade de vida soteriológica, como Desvalido pelo Caminho da dor e do sofrimento, como *logos* e síntese do sofrimento de Deus na Cruz.²⁵

A qualidade de vida soteriológica, retratada no *Homo Viator* (Lc 10, 25-37), será a “casa da salvação”, como morada da conduta humana e pertencente a uma cultura ética e a uma civilização axiológica, segundo o pensamento do Romano Pontífice. Encontramos, no Servo de YHWH, o homem das dores, que vivencia tudo quanto a narrativa do sofrimento prefigura e mostra pela teodramática de Deus, que está na Cruz.

Segundo a qualidade de vida soteriológica, o Deus na Cruz é um *logos*, que se humanizou e se fez um de nós no sofrimento e na dor, como grande petição e pretexto do homem, em condição de Desvalido e que teve uma morada na natureza humana.

Como bem refere J. Bezerra, a experiência do sofrimento terá de ser perspectivada, como acontecimento escatológico, porque se enraíza no plano salvífico de Deus (paixão – morte – ressurreição) e, como tal, será portador de felicidade e de “qualidade de vida”.²⁶

²⁵ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – *O Desvalido no Caminho: o Bom Samaritano como paradigma de humanização em saúde*, p. 107

²⁶ Cf. BEZERRA, João – *Ibidem*, pp. 43-44.

A parábola do *Homo Viator* (Lc 10, 25-37), como expressão cristológica, inicia-se, logo, no *quidam homo*, que é a recitação (síntese) de Deus-Pai (o Pai das Misericórdias), que faz a audição (tese) da Palavra e a Palavra é Jesus Cristo (Desvalido no Caminho). Esta audição (*fides*) vem da pregação, sendo o seu argumento: Jesus Cristo. Aqui temos o primeiro momento da qualidade de vida soteriológica. A audição, que sente o Samaritano, vem do “ver” (escuta da voz sem voz, do poder sem poder do Desvalido). O sentido apologético da parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) justifica-se nesta audição .

No segundo momento da qualidade de vida soteriológica do Desvalido no Caminho, quando ao Samaritano se “comoveram as vísceras” (Lc 10, 33) toma-se a decisão (antítese) que é o amor visceral, que o leva a prestar cuidados. Será a decisão justificada pela dimensão agápica. A qualidade de vida soteriológica em Cristo é agápica.

Na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), o Desvalido no Caminho é a recitação do Pai das Misericórdias, que determinará a missão do Samaritano pela “comoção das vísceras”. Todavia, interpretamos que o contexto missionário da parábola se descreve, no caminho de Jerusalém para Jericó, e depois, em sentido inverso, para o Gólgota, como ser e estar *in statu viatoris*, que é a *spes*.²⁷

A justificação da “recitação”, último momento da qualidade de vida soteriológica, como centro da parábola do *Homo Viator*, far-se-á pela apologética da missão do Samaritano. Toda a parábola é a evocação apologética de uma qualidade de vida soteriológica em virtude da “quenose” de Cristo na Cruz.

A verdadeira qualidade de vida é uma quenose.

Naturalmente, a parábola do Bom Samaritano é uma narrativa plesiológica sobre o sentido soteriológico da proximidade ao próximo. Daqui se aúfere que a narrativa do comportamento exemplar é um apelo e vivência da “conduta plesiológica”.²⁸

A grande novidade desta parábola de Lucas está no sentido plesiológico, dado por Jesus Cristo, ao ponto de se poder dizer que surge, uma nova

²⁷ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – *O Desvalido no Caminho: o Bom Samaritano como paradigma de humanização em saúde*, p. 71.

²⁸ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 72

qualidade de vida soteriológica, que será a propedêutica para a Outra Qualidade de Vida, chamada de “qualidade de vida” escatológica, que é uma conversão ao que há-de vir (*Zu-Kunft*).

Como refere Moltmann, citando Marcus: “*Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam; qui autem perdiderit animam suam propter me et evangelium, salvam eam faciet*” (Mc 8, 35), assim se motiva o chamamento ao seguimento de Jesus escatologicamente. Trata-se de uma vocação plesiológica ao *Zu-Kunft des Gotes* que irrompe no “agora soteriológico” com Jesus Cristo e que, por esse futuro, não somente poderá deixar as vinculações do mundo, que agora passa e as solitudes, pela própria vida, que se devem deixar. A vocação para seguir Jesus é o mandamento da hora escatológica: *Vade et fac tu similiter* (Lc 10, 37). Este futuro de Deus, o seu Reino, conquista-se mediante a inserção em Cristo.²⁹

A perspectiva escatológica, que tem o seu prómio na parábola do Bom Samaritano, aporta-se no Desvalido do Caminho, que vai para a Cruz, como o patíbulo da qualidade soteriológica da vida de Deus e do homem.

A Cruz é acontecimento escatológico, que começa na parábola do *Homo Viator* (Jesus Cristo), porque não é algo do passado, a que se lança a vista, mas é o acontecimento escatológico, no além do tempo, enquanto pela audição (*fides*) é sempre actualidade.³⁰

A parábola do *Homo Viator* anuncia, como prefácio, a qualidade da Morte, pelas acções dos salteadores, de uma morte verdadeiramente humana e torna-se o melhor prelúdio daquela definitiva Qualidade de Vida Escatológica, da qual a expressão telúrica é mera prefiguração, na marca da esperança (*spes*) da eternidade, entre o antes e o depois de cada existência humana.

É pela ética que nos sentimos entusiasmados a lutar pela felicidade do ser humano, reflexo de que se aprendeu o significado e alcance dum viver com Qualidade de Vida, imperativo fundamental do *ethos* humano. A qualidade de vida é uma questão ética, não sendo uma simples questão técnica ou filosófica.

A outra qualidade de vida, na parábola do Bom Samaritano, implica, *per naturam suam*, o caminho *in statu viatoris* do amor a Deus, ao próximo, por

²⁹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen – *El Dios Crucificado*, tradução do alemão, Salamanca: Editorial Sígueme, 1975, p. 83.

³⁰ Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 92

outro, a via do amor ao próximo para chegar ao amor a Deus. Estas duas vias fundamentais da qualidade de “vida agápica” referem o duplo mandamento do amor (Dt 6, 5; Lv 19, 18).³¹

Daqui surge uma nova forma de conduta plesiológica, que tem a ver com a óptica poiética do Samaritano, pela misericórdia, perante o apelo moral do Desvalido no Caminho: cuida de mim!...

Conclusão

A Qualidade de Vida é um tema e uma leitura sempre presente na parábola do Bom Samaritano, que tem raízes nos personagens fictícios da narrativa-conto, que vai da qualidade de vida telúrica (salteadores e estalajadeiro), passando pela qualidade de vida do Samaritano, que foi uma “qualidade plesiológica”, pelo caminho poiético, até se atingir a “qualidade de vida soteriológica”, que tem o seu epílogo no Desvalido no Caminho.

A parábola professa uma outra Qualidade de Vida, que tem um Rosto, que é a do Desvalido no Caminho. O Rosto fala, porque é ele que torna possível e começa todo o discurso. A resposta ou a responsabilidade é que é esta relação autêntica.

A Qualidade de Vida soteriológica é um *dizer*, diante do Rosto, não se ficando a contemplar, passando à acção.³²

Mas o Outro (Desvalido no Caminho) metafisicamente desejado não é outro como o pão que como; como o país que habito; como a paisagem que contemplo, como, por vezes, eu para mim próprio, este eu, esse Outro. Dessas realidades posso alimentar-me e, em grande medida, satisfazer-me, como se tivesse faltado a qualidade de vida telúrica. Daqui que a sua alteridade (qualidade de vida soteriológica) incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa, para o absolutamente Outro, esse Outro é o *Homo Viator*, o protagonista da parábola. A parábola do Bom Samaritano é uma narrativa sobre a qualidade de vida que equaciona permanentemente o Dom e a Tarefa,

³¹ Cf. BORGES DE MENESES, Ramiro Délio – “Na Parábola do Bom Samaritano: o sentido da fruição pela humanização”, in: *Acção Médica*, LXIX, 4 (Lisboa, 2005), p. 229.

³² Cf. LÉVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*, pp. 21-22.

como fundamentação segura para um viver com outra Qualidade de Vida, para uma vida com qualidade, em ordem a uma vida nova em qualidade.